

Resumo em português

Através da arte de questionar, de propor novas verdades ou releituras por diferentes e inusitadas perspectivas – dado que, como ensina Saramago, “a única verdade absoluta é que toda ela é relativa” (Reis 2015:91) –, a obra saramaguiana revisita, crítica e obsessivamente, o discurso religioso, convidando-nos à reinterpretação do Homem nas suas múltiplas dimensões, visando apelar a uma ética de colaboração e de compaixão social, ao retorno a uma vida mágica de bondade, solidariedade e tolerância, que seja capaz de reencantar o mundo.

A presente investigação procura analisar de que modo o autor português, através do percurso agónico das suas personagens na trama da vida fática, aponta para a salvação individual do Homem moderno, na relação que mantém consigo e com o Outro.

Para a concretização deste objetivo, limitar-nos-emos a aprofundar a análise de duas obras saramaguianas que refletem de forma mais objetiva a questão religiosa – *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e *Caim* –, procurando desvendar os sentidos desta revisitação ao Novo e ao Antigo Testamento. O estudo aprofundado dos textos ajudar-nos-á a compreender de que modo o escritor José Saramago, na paisagem religiosa contemporânea – marcada pela perda de importância e desregulação das grandes religiões institucionalizadas, mas também pela proliferação de movimentos e crenças que pluralizam as experiências individuais do religioso –, apela à responsabilidade de saber agir em liberdade, refontizando valores essenciais da espiritualidade judaico-cristã: o amor, a tolerância, a cooperação, a partilha, a responsabilização individual e, paralelamente, coletiva.

Na verdade, a era moderna, estruturada à sombra das ruínas da religião tradicional, é um período de aguçamento de consciências, onde o fenómeno religioso, secularizado e secularizador, continua a ditar novas regras de o Homem se compreender, de interagir e de se comprometer na sociedade. É um tempo difuso, pródigo em sucessivos e diversos apelos a uma vida autêntica numa temporalidade específica. Por isso, na esteira do pensamento de Heidegger – que analisa o “como eu me situo” diante do mundo, o fenómeno histórico na faticidade da existência –, a literatura saramaguiana questiona, interroga e privilegia a simplicidade da vida concreta, a ação consciente, espontânea e solidária de cada ser humano na comunidade.

Por outro lado, a partir dos textos-fonte selecionados, conduzidos pela pregnância da voz narrativa, empreenderemos uma mais aprofundada análise e compreensão da relação entre espiritualidade e utopia saramaguianas: não mais dependente de um desígnio transcendente, a literatura de José Saramago, uma “religion de la sortie de la religion” (Gauchet 1985:169), faz a apologia de um mundo de progresso, de conhecimento, de razão, despido de pobreza ou de qualquer forma de violência. Nos romances em estudo, sob o signo da subjetividade e da individualização, a visão “religiosa” do reino dos homens assenta num messianismo utópico, não religioso, mas que é subsidiário do ideário cristão.

Partindo do pressuposto de que nos textos do Nobel português a figura de Deus, intolerante e megalómana, é protótipo de violência e irracionalidade sem limites, procuraremos compreender de que modo está latente no discurso do autor a negação de um tempo e de um lugar inexistentes – Éden, céu ou paraíso – e a aceitação e defesa da urgência de agir em qualquer lugar do mundo, num futuro presentificado, “neste amanhã de hoje” (Saramago 2014d:128), cuja realidade incomoda e angustia.

Na verdade, Saramago descreve e reflete o humano, ora modelado na simplicidade da sua inocência e pura sublimidade, ora no seu egoísmo atávico e grotesca indiferença pelo Outro, no eterno *agon* entre o “fenómeno do amor” e o “fenómeno do mal” (Ferry & Gauchet 2004:96-100). Por isso, num novo mundo secularizado, fora da religião, mas esclarecido pela filosofia cristã, o ser humano pode vir a ser salvo das trevas de uma vida menor, no sentido de ser capaz de compreender e de assumir uma civilidade empenhada e solidária. Esta imagem de um mundo possível, não indiferente, tolerante e compassivo, governado por um poder justo e democrático – um céu terreal –, é uma utopia constante nos textos saramaguianos selecionados.

Assim, a tese que pretendemos defender é que as obras saramaguianas, palco do literário, ao questionarem um Deus tirano e onipotente, sedento de poder, protótipo de outras forças despóticas e alienantes, apontam um caminho de salvação messiânica para a modernidade: a busca de uma identidade socio-religiosa não mais “herdada”, mas construída num percurso que se orienta e cristaliza em disposições, interesses e ideais de dimensão moral e ética, porque é ao Homem que cumpre, exclusivamente, a tarefa de buscar – pela autognose e pelo compromisso individual da ação, num tempo e espaço concretos – a sabedoria ética da plenitude da existência na vida fática. Esta é uma demanda de urgência da contemporaneidade, tempo de expectativas cada vez mais incertas quanto ao futuro.

Ainda que a escrita de José Saramago apresente uma tensão latente entre desencantamento e possibilidade de magia, mais do que o pessimismo pulsante na visão de uma realidade desencantada que fere e desassossega, ecoa a esperança do encantamento, estruturado no caráter utópico, mas imediato, da necessidade da ação revolucionadora: a resistência a qualquer forma de poder escravizador, autoritário e dogmático, a recusa de qualquer prepotência ou intolerância religiosa ou profana. Mas também a espiritualidade estruturada na compaixão e abertura ao Outro, na proposta de uma liberdade e fraternidade partilhadas, no ímpeto salvífico de engajamento político, qual *parousia* de um cristianismo primitivo que permita à humanidade sonhar “um novo Destino” (Almeida 2021:69).

Entre esta postura desencantada e (re)encantada, Saramago reconstrói criativamente o discurso da História e da tradição, projetando-o no presente, e, através da sua arte, nega os grilhões da tirania e da subserviência, propondo uma nova significação política, social e religiosa, assente num humanismo crítico e interventivo, que vai para além de qualquer ideologia política. Esta utopia messiânica, emotiva, não tranquila, é dirimida num processo dialógico cúmplice entre a instância narrante e o leitor.

Face ao tema e ao problema a estudar, parece-nos fulcral abordar os textos saramaguianos, catedrais de desconstrução de símbolos, sob três prismas diversos, mas complementares. Em primeiro lugar, a dessacralização da mitografia bíblica e, através dela, a negação da moralidade divina, estruturada na figura de um Deus soberano, plasmada na religião tradicional, violenta, megalómana e injusta na sua sede de poder sem limites, através de uma voz narrativa racional, eticamente ateia, que interroga e reinterpreta a História.

Em segundo lugar, abordaremos a configuração de um novo mito desconstrutor do fanatismo religioso, um “absoluto” humano (Ferry & Gauchet 2004:74). Através de uma linguagem messiânica, divinizada por signos de reencantamento que auguram a felicidade e a harmonia da humanidade, estas personagens sublimes impõem-se ao homem moderno e à sua consciência aguda de existir. Neste percurso agónico de legitimação do humano que emerge da ficção, qual a função dos humildes e marginalizados pela História? Na sua génese, que papel subversivo estará reservado ao amaldiçoado Caim, metáfora do género humano? Que função legitimadora estará destinada ao humano rebelde Cristo de Saramago, na sua relação com Deus e os homens? Que papel se augura para a mulher na modernidade? Que sabedoria, que poder, que limites?

Em terceiro lugar, procuraremos demonstrar como a linguagem do Nobel luso tece, insistentemente, a apologia da moralidade humana – a urgência da liberdade, da responsabilização e da autonomia na ação individual e coletiva – como caminho singular para atingir a sabedoria ética da plenitude da existência, na esfera profana do mundo contemporâneo. Sob este enfoque, os romances saramaguianos, mais do que propor teorias ou alternativas políticas, convidam ao debate de questões morais e éticas, suturando brechas, dando voz aos silêncios de figuras históricas e religiosas e a outras que emergem da ficção.

Assim, consideramos que estas narrativas heréticas, eivadas de religiosidade, são discursos didáticos, porque, dirigidas ao ser humano em geral – com ou sem credo, filosofia ou política –, apelam à genuína capacidade de o Homem compreender e mudar, humana e positivamente, o seu destino. Assim, o Deus bíblico, Jesus, Abel e Caim, Noé, Abraão e Isaac, Eva, Adão, Lilith, Maria Madalena e Zelomi são, entre tantas outras, personagens preñes de sentidos, por onde, entre impulsos de crítica e de emulação, se projetam laivos de esperança da voz narrativa. Esta voz recria o “não dito” e preenche, na junção entre arte e ética, os vazios da História e da tradição, para condenar a intolerância, o indiferentismo e apelar à defesa dos valores fundamentais: liberdade, igualdade e fraternidade.

Estas palavras romanescas, desassombradamente críticas e poeticamente encantadas, são um convite aos humanos para uma vivência democrática, uma cidadania ativa e consciente, onde todos – homens e mulheres –, sob o signo da individualização e da subjetivização, têm um papel solidário a desempenhar, na sua diferença inequívoca e necessária complementaridade.

A progressiva desconstrução dos textos de Saramago que analisamos levamos a concluir, e a assumir convictamente, que a sua escrita é um legado humanista e filosófico radicado na experiência fática (Heidegger 2006:36) de um narrador-autor ousado, polémico e livre, cuja maiêutica desemboca, invariavelmente, na consciencialização de o Homem ter a capacidade para “[...] ir aonde a sua vontade o leve e fazer o que entender” (Saramago 2017:101).

Esta dissertação divide-se em três capítulos. O primeiro, de cunho conceptual, pretende aprofundar o estado da arte, mais especificamente os conceitos de religião, de secularização do sagrado, de encantamento e desencantamento do mundo. Revisitando e aproximando alguns pensadores da história do Ocidente, teóricos iluministas, filósofos, teólogos e sociólogos que permitem configurar e compreender a modernidade histórico-religiosa contemporânea, tentaremos

percorrer as linhas de sentido da antropologia filosófica, apreendendo as faces da religião enquanto força totalizante e grupal.

Escudados nas teorias de Marcel Gauchet, que, num primeiro momento, na senda de Durkheim, aceita que a religião é um fenómeno "social" que estrutura e organiza o grupo, mas que, posteriormente, se afasta dele ao defender que o fenómeno religioso emerge de uma zona obscura, como resultado do confronto de cada ser humano consigo mesmo, com os outros homens e com a Natureza, procuraremos compreender a "negatividade" criadora que faz emergir a perspectiva heteronómica (Gauchet 1985:10-11).

Do confronto entre Gauchet e Luc Ferry, Antônio Pierucci, Max Weber e Carlo Salzani, procuraremos compreender o percurso da História, mais concretamente, o evoluir singular do racionalismo ocidental e as faces metamórficas da esfera religiosa, reajustada e reinterpretada ao longo dos séculos. Assim, buscando analisar o pensamento variado e genuíno das diferentes interpretações do fenómeno religioso, é nosso intento traçar o perfil da sociedade democrática do Ocidente, cuja "assinatura" é a secularização. Herdeira do cristianismo como religião da "saída da religião", a sociedade moderna ocidental é não só secularizada, mas agente vital do processo de secularização, onde, apesar do desencantamento do mundo, permanece latente, e de forma sempre renovada, o espírito religioso.

Metamorfoseado no mundo contemporâneo, o discurso religioso pluraliza-se, chegando a ser omnipresente no processo de ressignificação da filosofia cristã das democracias modernas. Decompondo-se e recompondo-se, estas "religiosidades flutuantes", como ensina Hervieu-Léger, buscam um sentido para a existência e emergem em múltiplas linguagens e práticas espontâneas. Ao (re)criar e estruturar os princípios reguladores da ação individual e coletiva do humano, conforme nos ensinam, entre outros, Jean-Pierre Vernant, Gianni Vattimo, Alessandra Scotti e Campelo Amaral, o discurso religioso traduz uma religião em movimento, diferente da tradicional, num processo de libertação das amarras de um absoluto divino. De facto, cabe à modernidade, através da absolutização da razão, permitir construir uma dupla face de Deus: a imagem autocrática e soberana, que o nosso tempo critica de forma veemente, e aquela que não menospreza o humano, mas reconhece a sua maturidade.

Assim, neste capítulo, procuraremos compreender o primado da ideologia sobre a religião e, através de Frias Martins, analisar o conceito de "religiosidade" saramaguiana, a qual, enquanto mística não religiosa ou "religião de interioridade"

(Hervieu-Léger 2005:154), cumpre um singular desígnio, plasmado numa escrita compreensiva dos sinais dos tempos, que veicula o "messianismo profano", como defende Salzani (2019b:13). Procurando descortinar a postura ideológica de José Saramago, um homem de "refinado e compassivo racionalismo" (Salzani & Vanhoutte 2018:2-5), esta parte do estudo intenta compreender, na esteira de Max Weber, de que modo desencantamento e (re)encantamento do mundo dialogam na magia da escrita saramaguiana, perspetivada como herança cultural e filosófica.

O segundo e o terceiro capítulos da tese, centrados, sobretudo, na questão religiosa, apresentam a análise dos dois romances do autor: *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e *Caim* são palco agónico da *kenosis* de Deus e do desnudamento e errância dramática do Homem, através da deambulação pelo absurdo possível da verosimilhança narrada. São capítulos que refletem o masculino (segundo) e o feminino (terceiro), enquanto faces (im)possíveis do absoluto humano, através da arte saramaguiana, que "não teme nenhuma lei" (Blanchot 2005:39).

Personagens em sobrevida, Jesus e Caim estão enredados nos labirintos perturbadores da descrença, perante a injustiça da Lei divina, num profícuo diálogo entre teologia e literatura. A sua forma de pensar e de agir mina os textos sagrados e revela o "ativismo político" do escritor português (Baltrusch 2022a:38-40), numa ousada redefinição de Deus e do Homem. Mas um, o filho de Deus recriado na diegese, apesar de advertido pelo diabólico guia humano, Pastor, e de ter compreendido a atitude despótica do pai divino, acaba por se submeter à sua vontade, pedindo perdão aos homens pelo holocausto das vítimas inocentes.

Já o revoltado e crítico Caim, com destemor herético e luciferino, acabará por gorar os objetivos de Deus. Símile do humano, que não encontra a tranquilidade enquanto o Outro é oprimido pelo agressor, Caim, destemido e num crescendo de revolta, parece encarnar a voz do narrador-autor, cujo imperativo ético o faz defender a autonomia responsável e responsabilizadora contra a insanidade e a prepotência de qualquer poder despótico.

Para além do protagonismo das figuras masculinas – protótipos (im)perfeitos do "absoluto" humano que Saramago idealiza e, nessa linha de sentido, "experiência de esperança" (Steiner 2013:20) –, a mulher desempenha nestes romances um papel plural, que procuraremos aprofundar no terceiro capítulo. Escudados por Lévinas, Auerbach, Bataille, Baltrusch, Deschner, Feldman, Carroll, Frederico Lourenço, Tabor ou Sanders, é nosso intento demonstrar como, do mundo feminino, se agigantam as personagens prediletas do escritor português, detentoras de um protagonismo extraordinário na diegese. Estas mulheres são

corresponsáveis no processo formativo do herói masculino (Arnault 2008:21), e é a elas que, contra o discurso da História e da religião, Saramago concede o palco e a voz.

Maria de Magdala, a prostituta de eleição contrária ao mundo, assume uma função de relevo no evangelho saramaguiano, através do amor, da pedagogia sensual e erótica, do discernimento e da entrega. Mas também da ousada e prenante revelação – “És belo, mas para seres perfeito, tens de abrir os olhos” (Saramago 1991:282). A irreverência discursiva do narrador dessacraliza o discurso religioso patriarcal, considerando Maria de Magdala uma mulher bendita, porque ama, e todos os seus atos, na rotina e subtileza do quotidiano, são de despojamento, de paixão e de generosa entrega.

Consideramos a escrita saramaguiana uma teologia libertadora e ateia, através da qual se condena o fundamentalismo bíblico e o aviltamento a que a mulher foi e continua a estar sujeita. Assim, da galeria feminina plasmada nos romances, num claro diálogo entre a *Bíblia* e os Evangelhos Apócrifos, surgem outras mulheres que amam e sofrem, como Eva, Maria de Nazaré, mãe de Jesus, ou a escrava Zelomi, a aparadeira que, migrando dos escritos negados pela tradição, é arrancada às sombras da História. Ela ajuda no parto de Maria e concorre, também, para iluminar o dogma da virgindade perpétua, atribuído pela Igreja a Maria. Sob uma nova, natural e subversiva perspectiva, que exige respeito e confere sacralidade ao parto materno, Zelomi é como “uma aurora” na escrita saramaguiana (OESJC:82).

Paralelamente, longe da interpretação “figurativa” da História, que diviniza e atribui a Maria um estatuto ímpar na mundividência cristã (Auerbach 2019:177), a humanização da mãe de Jesus contribui também, a seu modo, para que José Saramago construa um novo mito feminino, um absoluto sublime, “talvez uma mythopoiesis involuntária e inconsciente” (Baltrusch 2014c:169).

Partindo do conhecimento de que os textos Canónicos são reveladores de uma particular visão do mundo, não isenta de preconceitos de quem os coligiu, selecionou e escreveu, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* denuncia essa arbitrariedade e parece assumir a função didática e pedagógica de conduzir o leitor por entre as brumas da História e da religião, a fim de pensar e reconstruir a mundividência humana, sem o estigma mítico da mulher pecadora, ou da mulher divina, de virgindade perpétua, que é privada de sexualidade, dos filhos e do seu intelecto (Tabor 2020:333). A Maria saramaguiana é uma mulher comum, mulher-esposa e mulher-mãe, que sofre sob o signo da pobreza, da viuvez e da

incompreensão do filho. De forma inteligente e magnânima, ultrapassa o preconceito e, sob a aura do respeito e da solidariedade, interage com o Outro, a prostituta de Magdala, reconhecendo-lhe o rosto.

Se a Eva de *Caim* é a primeira mulher que começa “mal” (OESJC:16) e é expulsa do jardim edênico, tal como no mito bíblico, refira-se que esta personagem, doutrina pela serpente, é arguta e subversiva. Iniciadora e mestra do homem (Auerbach 2019:159), tem vontade própria e está inconformada com o seu destino. Por isso, sente a necessidade imperiosa de agir. Pelas mãos de um narrador-autor corretor da História, a Eva contemporânea do romance-fábula detém uma sublime vitalidade poética (Baltrusch 2022b:60). Ela desacredita o pecado original, a “mancha”, sinal da corrupção generalizada da humanidade e estigma do feminino.

De Lilith – personagem ousada e livre com quem se envolverá o desterrado Caim – se serve a instância narrante para, desassombradamente, fazer do romance um espelho capaz de devolver uma imagem humana recriada. Fá-lo não só para retirar, polemicamente, as máscaras de verdade da História, mas também, na senda de preencher os seus vazios, para – de forma pedagógica e em tom jocosório – nos guiar pelos meandros do mistério feminino e desvelar outras verdades emergentes da ficção: a inteligência, a compreensão, o desvelo, a curiosidade, a sedução, o erotismo, o amor, a capacidade de mudar o rumo dos acontecimentos, o inquietante e “perfeito” absoluto, a nova face feminina de Deus.

Lilith é a mulher que subverte o cânone. Tem um comportamento revolucionário, despido de preconceitos morais e religiosos. Ela revela uma particular vidência e sabedoria femininas, nas atitudes e nas palavras. Através dela, o romance-fábula torna-se veículo de compreensão da moral, no sentido em que contribui para descortinar e explorar os multifacetados sentidos que convergem na defesa da “vida ética”. Personagem literária, Lilith parece ser, de facto, bem mais eficaz que a teorização religiosa sobre o vício ou a virtude (Carroll 2011:58-59).

A tendência didática dos textos em análise permite-nos, pela utopia religiosa das personalidades literárias de José Saramago – pilares de espiritualidade profana –, configurar a filosofia humanista e messiânica que é apanágio do narrador-autor, o qual, através de um estilo dubitativo e dessacralizador, sistematicamente subversivo e manipulador dos textos bíblicos, convida o leitor à reinterpretação do discurso oficial da História e do próprio Homem.

Comprometida com uma visão comunitária e ecuménica dos povos, a literatura de José Saramago apela, de forma clara, a despir o preconceito, sempre

sinal de ignorância. Convida a aceitar “ver” por outro prisma, de forma racional, mas também emotiva: a analisar, refletir e retirar ilações. Só a pureza da tolerância pode permitir, em liberdade, compreender e singrar um percurso existencial de sabedoria e plenitude, para si e para o Outro, numa consagração clara da dignidade absoluta da vida. Esta utopia prática, “ressurreição para uma vida justa e perfeita”, nas palavras de Ana Paula Arnault (2014:61), configura a plenitude da religião do Homem. Porque, como ensina José Saramago, “o destino de cada um é nas mãos dos outros que está” (1991:91).

Assim, neste mundo contemporâneo, fora da religião, mas sempre iluminado por ela, as palavras romanescas ecoam, persistentemente, numa tentativa de resgate de uma vida menor. Os romances saramaguianos, veículos de uma religião universal, são estandartes que apelam a uma civilidade empenhada e solidária, que brota da necessidade da ação imediata. Tal é o papel revolucionador de Jesus e de Maria de Magdala, ou de Caim e Lilith, quais crentes modernos inconformados que, numa práxis de colaboração e de resistência, negam uma existência agrilhoada.

No decorrer deste estudo, destacamos também a escrita sistematicamente “analítica e autorreferencial” de Saramago, a qual parece ter como desígnio alertar o leitor, através da consciência de um diálogo, por vezes crítico e irónico, mas sem deixar de ser revelador de uma profunda sensibilidade e emoção. Por isso, reiteradamente destacamos nos romances a “escrita de sedução”, revulsiva e poética, estruturada em percursos dialógicos encantatórios, não só com a *Bíblia* e os Evangelhos Apócrifos, mas também com a literatura portuguesa ou estrangeira, a tradição oral e a própria dimensão intratextual (Gama-Khalil 2012:482).

Ao redesenhar a esfera do sagrado, através de uma escrita radical e subversiva, a voz narrativa ateia de Saramago revela-se secularizada e é um agente fortemente humanista e secularizador. Ela irrompe como guia religioso através do discurso polémico e de uma poliédrica exemplaridade, que é exposta pelas diferentes personagens ao leitor atento e crítico. Tais humanos ficcionados fazem uso da liberdade com que chegam ao mundo para atingir a plenitude da existência. São símbolos literários exemplares, simultaneamente heroicos e trágicos, que, em liberdade, apontam um ideal a perseguir, e, através deles, o narrador-autor desvela o lado sacro da natureza humana, conferindo-lhe grandeza e perfeição.

A verdade-revelação do romance saramaguiano parece estar contida na extraordinária capacidade de o autor analisar e desvelar os recônditos mistérios do comportamento humano, a sua complexidade, erros e contradições no “mar

tormentoso” da vida, não em função de uma contemplação e aceitação do “céu” (OESJC:408), mas numa efetiva transformação da terra, do espaço humano onde a imanência, através de uma real fraternidade, se diviniza.

José Saramago convoca o poder de imaginação do leitor e, através de discursos religiosos e históricos arquiconhecidos, que reestrutura sob o signo da dúvida, da filosofia do respeito pela vida e da não indiferença ao Outro, parece pretender redimensionar o modo de ser e de estar do Homem na contemporaneidade, onde a secularização, longe de estar finita, é um contínuo, diverso e criativo processo *in fieri*.

Nesse decurso, contra a apatia ética e moral do mundo contemporâneo, mas aceitando “a ignorância que nos assiste” a cada fase da vida (OESJC:281), a escrita do Nobel português mobiliza não só o saber, mas também o sentir do leitor sagaz, capturado, voluntariamente, pela singularidade crítica e poética de narrativas que têm o poder de provocar desassossegos.

Revisor da História, teólogo, filósofo, ateu, anarquista, ou espírito religioso eticamente comprometido são múltiplas e pregnantes faces de um escritor que procurámos desvendar e compreender. Essa face poliédrica, desencantada ou poeticamente profética da salvação do Homem, leva-nos a admitir que a literatura saramaguiana, ainda incompreendida, ou desvalorizada, é o discurso de um homem sábio para a humanidade, um legado artístico que se deve ler e ensinar a amar.